

FRANCISCO DE CASTRO

FERNANDES TÁVORA

Francisco de Castro foi um homem que encheu de glórias a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e a medicina brasileira de seu tempo.

Baiano de nascimento, recebeu, naquele “ninho d’águias”, a sagrada chama que o teria de iluminar e guiar, do berço ao túmulo. Muito moço ainda, viajou pela Europa, onde hauriu conhecimentos sólidos que, depois de formado em seu país, serviriam de base à estupenda erudição literária e científica que o tornaria o *primus inter pares* da geração médica que teve a honra de possuí-lo.

Poliglota, Francisco de Castro manejava, com destreza, o latim, o inglês, o francês, o alemão, o italiano e o espanhol.

O conhecimento básico do latim facilitou-lhe o aperfeiçoamento na língua materna, dando-lhe a feição de um verdadeiro clássico, cuja palavra falada ou escrita deliciava os que tivessem a ventura de ouvi-lo ou deletreá-lo.

Pouco tempo antes de morrer, começara a estudar a língua russa, cujo conhecimento se lhe afigurara indispensável a quem desejasse acompanhar o surto da jovem ciência moscovita.

Cultor das belas letras, estava sempre em dia com os literatos e filósofos mais destacados, o que dava à sua palestra particular e às suas aulas especial encanto.

Assistente clínico do famoso professor Tôrres Homem, êste lhe dispensava grande consideração, a mais valiosa carta de

apresentação que um jovem médico poderia desejar, naquele tempo. Após a morte desse grande clínico, Francisco de Castro candidatou-se à cadeira de Clínica Propedêutica, vencendo brilhantemente no concurso que o levou àquela cátedra.

Quando ingressei na Faculdade de Medicina do Rio, em 1898, Francisco de Castro já se impunha como o mais ilustre e acatado dos seus professôres, congregando em torno de si homens como Fajardo, Miguel Pereira, Austregésilo, Dias de Barros, Miguel Couto, Chapot-Prevost, Almeida Magalhães e outros igualmente ilustres, que o ouviam como *Sacerdos Magnus*.

Suas aulas eram frequentadas por alunos de tôdas as clínicas e médicos de diversas nacionalidades que não poupavam elogios ao seu saber.

Seu português era clássico, sua linguagem escorreita e bela, sua palavra fácil e sonora, sua adjetivação riquíssima, sem a rebuscada pompa dos que procuram impressionar pelo colorido e variedade do vocabulário, mas visando apenas ao emprêgo adequado das palavras e frases, na exata representação do pensamento e das idéias.

Em seu "Tratado de Clínica Propedêutica", encontramos, a cada passo, a veracidade dos conceitos, emoldurada na beleza e concisão da frase. Tratando da dificuldade de certos diagnósticos, diz êle: "Casos deparam-se, em verdade excepcionais, em que, a despeito de tudo, é impossível definir o mal: não há, não haverá nunca, medicina matemática, que consinta no problema clínico, complexo como a vida, de que êle é apenas uma expressão fragmentária e fugitiva, o rigor das equações, na simplicidade dos sinais algébricos.

Nos casos de tal ordem, são inevitáveis os erros, onde há de tropeçar a análise dos fenômenos biológicos, na moléstia como na saúde.

A impossibilidade de saber é, por esta parte, definitiva: há ai, digamos assim, um lastro de "ignorância necessária e permanente". Em semelhantes condições, coagido, diante da fatalidade do êrro, por lição de sabedoria e consciência, a renunciar

a tentativas sem fruto na esfera da razão empírica, assiste ao espírito o direito de duvidar. E a ciência, por mais longe que leve as suas conquistas, jamais terá fôrça bastante para abater, atrofiar ou delir o lóbulo da dúvida no cérebro do homem”.

E, noutro ponto, referindo-se aos anatomistas, senteneia: “Timbram em transportar para as realidades fisiológicas os fatos que a necropsia lhes tem revelado. O que êles dizem é verdade, mas verdade no coração parado e morto, de cujo determinismo já desapareceram a tonicidade do miocárdio, a pressão centrífuga das correntes sanguíneas e tôdas as mais condições que tendem a fixar a circularidade dos aneis mitral e tricúspide. Convençam-se os anatômicos e os médicos também: o homem fisiológico ou patológico não há de ser buscado e entendido no cadáver; êle não está aí.

O *nosce te ipsum* da fórmula grega não compreende o organismo além da raia vital”. Pelos trechos citados, pode-se avaliar a firmeza da dialética do grande mestre e a beleza com que costumava traduzí-la.

Essa era, também, a linguagem usada em suas aulas, verdadeiramente encantadoras, pois êle sabia vestir de estranhas louçanias as verdades que transmitia aos seus discípulos, e êstes jamais se cansavam de ouvir o cascadear de pérolas jorrantes dos lábios daquele que chamavam — *o divino mestre*.

Quando começava a falar sôbre um caso clínico, esquecia-se do tempo, e suas aulas invadiam o horário dos outros professores porque os alunos e demais assistentes não arredavam pé da enfermaria, enquanto lhe não ouvissem a última palavra.

Certo dia, examinando um cardíaco que servia de objeto à sua lição, entrou a explicar a diversidade dos ritmos do coração, e isso o levou, insensivelmente, a dissertar sôbre a grande “Lei do Ritmo Universal”, de Spencer. Nunca pude esquecer essa lição extraordinária: Pouco a pouco, se foi entusiasmando; e, dentro de alguns minutos, sua eloquência atingiu tal culminância que mal deixava respirar aquêles que o ouviam extasiados.

Nesses momentos inesquecíveis, levou-nos êle, em desabalada

e linda correria, pelos formosos vergéis da ciência, chegando à segura conclusão filosófica de que, na órbita da natureza, tudo é ritmo e que êste traduz uma lei fundamental da vida e do universo. Palavras, tão belas e profundas, nunca mais ouvi enunciadas por lábios humanos! E, ainda agora, mais de meio século volvido, elas continuam a reboar no meu espírito, numa doce e infundável ressonância, que desafia a ação do tempo, como se apostadas em demonstrar, no seu perene dinamismo, a imortalidade da arte e da beleza.

A 11 de outubro de 1901, Francisco de Castro cerrou para sempre os olhos, aos 45 anos de idade.

Naquela velha casa da Marquês de Abrantes, muitas lágrimas rolaram ante o cadáver do mestre incomparável, que a majestade da morte tornara cada vez mais soberano.

Nesse dia aziago, a Faculdade de Medicina do Rio cobriu-se de luto, e o Brasil perdeu o homem que, com Rui Barbosa, representava os dois mais altos e inconfundíveis píncaros da medicina e do direito, neste país.

Arrebatou-o a morte no pórtico da madureza, quando, após profundos e aturados estudos, havia armazenado inestimáveis cabedais científicos, que lhe asseguravam a construção de uma obra imensa e imorredoura. Um grande serviço, entretanto, além de outros, lhe ficou o Brasil a dever: incutiu na classe médica o amor ao vernáculo, transformando sua cátedra numa admirável escola da língua pátria.

Pode-se dizer que, durante o pontificado científico de Francisco de Castro, houve completa transformação na linguagem médica, até então inteiramente descuidada.

Aos que não tiveram a felicidade de conhecê-lo, poupou-lhes a sorte a desventura de chorá-lo, ante a indiferença de uma pátria que o vai legando ao esquecimento!

Não seria lícito alegar que a sua preeminência derivara da mediocridade dos professôres coetâneos, porque os seus colegas de magistério chamavam-se João Pizarro Chapot-Prevost, Pedro Severiano de Magalhães, Paes Leme, Cipriano de Freitas, João

Paulo de Carvalho, Rocha Faria, Souza Lima, Miguel Couto, Érico Coelho, Benício de Abreu, Teixeira Brandão, Barata Ribeiro, Nuno de Andrade, para só citar os mais brilhantes daquela plêiade de insígnies professôres. Sua glória indiscutível foi exatamente o destacar-se como estrêla de primacial grandeza, nesse quadro de sábios mestres, que honrariam qualquer academia do mundo.

Rui Barbosa, seu conterrâneo e amigo íntimo, devotava-lhe uma estimação alta que orçava, quase, pela veneração.

E a morte de Francisco de Castro causou-lhe tal choque, deixou-o em tamanha desolação, que o grande tribuno não teve ânimo de comparecer ao cemitério, para dizer-lhe o derradeiro adeus!

Seus discípulos sentiram-se verdadeiramente orfanados; e, sôbre a nossa Faculdade, viúva dessa glória ímpar, desceu um véu de dor e de tristeza, que nunca mais se dissipou.

Quem estas linhas escreve, perdeu após a morte do grande mestre, o gôsto de frequentar a velha escola da Praia de Santa Luzia; e, quando a ela volvia, no cumprimento do dever escolar, experimentava, invariavelmente, a indefinível e vaga sensação de um crente a olhar para altares sem imagens, na desoladora solidão de um templo sem sacerdotes...

Poeta de "Harmonias Errantes", na juventude, cultor fervoroso das belas-letas, conhecedor profundo da nossa língua, poliglota, filósofo, grande médico e professor inimitável, Francisco de Castro foi um desses raros homens que aparecem, de séculos em séculos, para glória de seu país e honra de seus coevos.

Se o Brasil o vai esquecendo, não é por míngua de títulos daquele que, em sua rápida passagem pela vida, tanto fêz por servir à sua pátria, derramando, sem medida, na alma da mocidade, a cornucópia do seu extraordinário saber, para iluminar carinhosamente o caminho daqueles que tinham o iniludível dever de fazê-lo sempre presente à consciência nacional.

Abril de 1954.